

SPARTAKUS

SPARTAKUS

SIMBOLOGIA DA REVOLTA

FURIO JESI

n-1 edições © 2018

ISBN: 978-85-66943-58-0

Embora adote a maioria dos usos editoriais do âmbito brasileiro, a n-1 edições não segue necessariamente as convenções das instituições normativas, pois considera a edição um trabalho de criação que deve interagir com a pluralidade de linguagens e a especificidade de cada obra publicada.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Peter Pál Pelbart
e Ricardo Muniz Fernandes

ASSISTENTE EDITORIAL Inês Mendonça

DIREÇÃO DE ARTE Ricardo Muniz Fernandes

PROJETO GRÁFICO Érico Peretta

TRADUÇÃO Vinícius Nicastro Honesko

PREPARAÇÃO Tiago Ferro

A reprodução parcial deste livro sem fins lucrativos, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio impresso ou eletrônico, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.

1ª edição | Impresso em São Paulo | Junho, 2018

n-1edicoes.org

FURIO JESI
SPARTAKUS
SIMBOLOGIA DA REVOLTA

Edição sob os cuidados de
Andrea Cavalletti

Tradução
Vinícius Nicastro Honesko

M-1
edições

7	PREFÁCIO
33	ADVERTÊNCIA
35	INTRODUÇÃO
61	A SUSPENSÃO DO TEMPO HISTÓRICO
89	OS SÍMBOLOS DO PODER
125	TAMBORES NA NOITE
175	INATUALIDADE DA REVOLTA
209	APÊNDICE

PREFÁCIO



Ler *Spartakus*

ANDREA CAVALLETTI

Na noite de 11 de dezembro de 1969, Furio Jesi escreve para um amigo: “Anuncio gloriosamente para você que terminei, há uma hora, a releitura do manuscrito completo de *Spartakus: Simbologia da revolta*. Está terminado... Nele, fala-se de Rosa Luxemburgo, mas também muito de Dostoiévski, de Storm, de Fromentin, de Brecht, e também, naturalmente, de Thomas Mann! É muito... ‘fragmentário’: as ‘conexões’ são reduzidas ao mínimo em um monólogo que, com as devidas *créances*, assemelha-se mais a *Finnegan’s Wake* do que a *Acumulação do capital*”¹.

Spartakus é um livro esplendoroso e secreto. Sem dúvida, é um dos mais belos e originais ensaios em língua italiana da segunda metade do século xx. Entretanto, permaneceu por muito tempo oculto e foi descoberto e publicado pelo autor desse prefácio vinte anos depois da prematura morte de Jesi (ocorrida em Gênova, em 1980). Desde então, e após cada leitura, *Spartakus* mantém sua singular e irredutível novidade; permanece um livro inclassificável, como o gênio de seu autor.

1. Carta a Enrico Pietra de 11 de dezembro de 1969, conservada por Marta Rossi Jesi.

Nascido em Turim em 1941 (seu pai provinha de uma antiga família rabínica), Jesi dedica suas primeiras pesquisas à arqueologia e à egiptologia. É um *enfant prodige*, publica o ensaio “Notes sur l’édit Dionysiaque de Ptolémée iv Philopator” no prestigioso *Journal of Near Eastern Studies* quando tinha apenas quinze anos.² Com compreensível impaciência, abandona de imediato o liceu, começa a viajar e inclusive reside por diversos meses na Grécia e na Turquia; passa longos períodos nos depósitos dos museus da Europa (como o Pelizaeus de Hildesheim), estuda na Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, de Bruxelas, participa de congressos internacionais. Durante um destes, em Hamburgo, conhece Sigfried Giedion, de quem se torna amigo e com quem inicia uma intensa correspondência científica. À atividade de ensaísta une o aprendizado literário, e como poeta. Justamente nesse período, sendo hóspede do egiptólogo Boris de Rachewiltz, encontra, na residência de Castel Fontana, Ezra Pound, sobre quem escreveu: “a pessoa com que mais aprendi em matéria de poesia.”³ Em Turim, por outro lado, funda e dirige a revista *Archivio Internazionale di Etnologia e Preistoria*, entrando assim em contado com estudiosos como

2. Furio Jesi. “Notes sur l’édit Dionysiaque de Ptolémée iv Philopator”. In: *Journal of Near Eastern Studies*, vol. xv, n° 4, 1956, pp. 236-240.

3. Furio Jesi & Karl Kerényi. “I pensieri segreti del mitólogo”. In: Furio Jesi. *Materiali mitologici. Mito e antropologia nella cultura mitteleuropea* (1979). Nova edição aos cuidados de Andrea Cavalletti. Turim: Einaudi, 2001, pp. 3-53.

Raffaele Pettazzoni ou Vladimir Propp. Na cópia de um de seus ensaios de egiptologia havia escrito a seguinte dedicatória jocosa: “Se crês que vou continuar neste caminho...”. Em 1957, de fato, quando passa um período no monastério da Transfiguração, em Meteora, Tessália, para estudar o neoplatonismo em relação com a religiosidade greco-ortodoxa, a orientação de sua pesquisa já está mudando. Levou consigo os livros de Leo Frobenius e de Propp pensando em “eliminar as contradições graças a Jung”.⁴ O resultado é, na realidade, uma reinterpretação crítica do modelo junguiano, ou seja, o importante ensaio histórico *Le connessioni archetipiche* [As conexões arquetípicas] (1958).⁵ Da papirologia e da arqueologia, Jesi já está se dirigindo à ciência do mito. Estudará a partir de então as antigas mitologias e suas modernas sobrevivências (para retomar um termo warburguiano que lhe era caro) na poesia e na literatura, na história das religiões, na filosofia, mas também na cultura popular; estudará criticamente o método dos mitólogos e, sobretudo em âmbito alemão, o modo como as figuras antigas podem ser representadas em um contexto que já lhes é estranho, portanto, de maneira distorcida e perigosa.

A partir de 1964, Jesi entra em contato com Karl Kerényi, o estudioso que admira e considera um mestre, e com

4. Furio Jesi. “Quando Kerényi mi distrasse da Jung”. In: *Il tempo dela festa*. Edição aos cuidados de Andrea Cavalletti. Roma: Nottetempo, 2013, p. 229.

5. Furio Jesi. “Le connessioni archetipiche”. In: *Archivio Internazionale di Etnografia e Preistoria*, nº 1, pp. 35-44, 1958.

quem então inicia uma intensa correspondência.⁶ Justamente nesse ano, na conferência que faz em Roma, “*Do mito genuíno ao mito tecnicizado*”, Kerényi havia definido a autêntica experiência mítica, isto é, o contato inspirado com o “mito genuíno” (o *echter Mythos*, que ele também chamava com a expressão goethiana, *Urphänomen*), distinguindo-o da esfera do “mito não genuíno” (*unechter Mythos*) ou, precisamente, “tecnicizado” (*zur Technik gewordener Mythos*), ou seja, da distorção instrumental dos antigos mitologemas com fins de propaganda política.⁷ Já faz tempo, segundo Kerényi, que o mito não é mais, como foi para os antigos, sinônimo de verdade, e o contato imediato com o divino, a antiga experiência festiva em que a comunidade se encontrava consigo mesma, para nós é algo interdito. Se as imagens e as estátuas eram para os gregos manifestações transparentes da alegria de um deus, as figuras que hoje influenciam as massas não têm, de fato, um verdadeiro caráter mítico, mas são apenas falsificações obscuras e com frequência triviais do mito. Entretanto, justamente por isso é que o próprio mito não deve ser condenado, mas sim o homem que deve ser curado. Desse modo, Kerényi – citando Mann

6. Furio Jesi & Karl Kerényi. *Demone e mito. Carteggio (1964-1968)*. Edição aos cuidados de Magda Kerényi e Andrea Cavalletti. Macerata: Quodlibet, 1999.

7. A locução “*echter Mythos*” (mito genuíno), usada em uma acepção particular por Kerényi e na sequência retomada por Jesi, foi, na realidade, cunhada por Walter Friedrich Otto.

contra Sorel (as palavras sobre os “mitos fabricados para as massas” do capítulo xxxiv do *Doktor Faustus* [*Doutor Fausto*]) – opunha suas defesas “humanistas” aos resultados mais nefastos da manipulação política, e ao mesmo tempo instituía uma hierarquia precisa. A distinção do fenômeno originário do falso e da tecnicização implica, com efeito, uma fé positiva em sua existência atual. Assim, para Kerényi, também hoje existiriam aqueles que, únicos “verdadeiros mestres” e “poetas” (como os que lhe eram mais próximos: Mann ou Hermann Hesse), alcançam diretamente, por meio da inspiração, as fontes genuínas do mito. E depois deles estariam os sábios, os estudiosos das mitologias (como Walter Friedrich Otto ou o próprio Kerényi), que não são poetas, mas, em virtude de seus saberes, são ao mesmo tempo alunos diretos, testemunhas e intérpretes dos primeiros, e, portanto, mestres e educadores dos últimos, ou seja, dos não eruditos, da multidão que, ao contrário, está disposta a crer nos falsos mitos e a ficar à mercê de um encantador qualquer.

Em outubro de 1964 Kerényi envia a Jesi o texto da conferência de Roma. É possível dizer que a partir daquele momento toda a reflexão de Jesi se torna uma retomada crítica e uma radicalização profunda e ao mesmo tempo irônica da distinção entre mito genuíno e mito tecnicizado. Nesse período de trocas intensas e fecundas com o grande mitólogo e historiador das religiões, ele escreve dois de seus livros mais importantes. O primeiro, *Germania*

segreta [Alemanha secreta] (1967),⁸ é um estudo sobre as “sobrevivências de algumas imagens míticas na cultura alemã dos séculos XIX e XX”. O segundo, e por muito tempo o mais conhecido de Jesi, é a coletânea de ensaios (sobre Pound, Rilke, Pavese, Novalis, Hoffmann, Apuleio) intitulada *Letteratura e mito*,⁹ que em 1968 é publicada pela Einaudi graças ao interesse de Italo Calvino. Pouco depois do lançamento desse livro, a relação com Kerényi se encerra inesperadamente, com um rompimento dramático e insanável. É maio de 1968, e a coincidência com a revolta parisiense não é casual. Na origem do dissídio de fato estão, como escreverá Jesi, “divergências acima de tudo políticas”. Ou melhor: “políticas no sentido mais amplo ou mais pleno”, isto é, capazes de tocar o coração da teoria kerényiana do *Urphänomen*. A desavença entre o jovem estudioso, comprometido com as posições da extrema esquerda, e o humanista burguês diz respeito ao teor propriamente político da ciência mitológica e às implicações mitológicas da práxis política. A última e duríssima carta de Kerényi é de 14 de maio. Jesi responde no dia 16, com um tom igualmente áspero: “Se a sorte quer que eu seja obrigado a dirigir estas palavras à pessoa que considere meu mestre desde a adolescência, isso significa

8. Furio Jesi. *Germania Segreta. Miti nella cultura tedesca del '900*. Milão: Feltrinelli, 1995. Posfácio de David Bidussa.

9. Furio Jesi. *Letteratura e mito*. Turim: Einaudi, 2002.

que os tempos são particularmente obscuros. Duvido, por outro lado, que possam se aclarar sem antes se tornar ainda mais obscuros; ou seja, sem que se tenha atingido o ápice da crise. E é provável que será uma crise que se desdobrará nas ruas e que se combaterá com armas; uma crise em que também mestre e discípulo, pai e filho, serão concretamente inimigos, de um lado e de outro”,¹⁰ conclui. Justamente naquele dia, em Paris, a assembleia da Sorbonne lança o apelo pela ocupação geral das fábricas e para a formação dos conselhos operários. E Jesi de pronto partirá para a cidade das barricadas. Ao retornar, começará a escrever *Spartakus*. É o livro sobre o mito e a revolta e, ao mesmo tempo, é uma resposta a Kerényi. A resposta de quem agora se atém a um programa teórico e político preciso: “usufruir do ensinamento em contraste explícito com as indicações do mestre”.

Na primavera de 1969, Jesi deixa Turim e seu trabalho na editora Utet para se transferir com a família para o lago Orta. Inicia assim um período de compromisso febril, no qual a produção ensaística, literária e poética, a atividade de tradutor e consultor editorial se tornam ocupações de tempo integral. Ele se dedica de dia à escritura e, nas noites, à tradução e à profusa correspondência. “É certo que meu ritmo de trabalho é, por assim dizer, demasiado

10. Furio Jesi & Karl Kerényi. *Demone e mito. Carteggio (1964-1968)*. Op. cit., p. 117.

intenso”, confessa a um amigo daqueles anos. Entre o outono de 1971 e janeiro de 1973 publica nada menos que sete livros: as monografias *Rilke* (1971), *Thomas Mann* (1972), *Rousseau* (1972), *Kierkegaard* (1972, um de seus textos mais densos e relevantes), *Pascal*, *Brecht* (ambos publicados em 1974), e o importante *Mitologia intorno all'Illuminismo*, de 1972, com capítulos sobre as heresias messiânicas do sabatinismo e do frankismo, que suscitará o mais vivo interesse de Gershom Scholem.¹¹ Enquanto trabalha na edição de *La religione arcaica*, de Georges Dumézil (com o qual inicia uma amizade duradoura),¹²

11. Os dados bibliográficos das obras mencionadas (tomando as edições mais recentes) são: *Rilke*. Florença: La Nuova Italia, 1971; *Thomas Mann*. Florença: La Nuova Italia, 1972; *Brecht*. Florença: La Nuova Italia, 1974; *Che cosa ha veramente detto Rousseau*. Roma: Ubaldini, 1972; *Che cosa ha veramente detto Pascal*. Roma: Ubaldini, 1974; *Kierkegaard*. Turim: Bollati Boringhieri, 2001; *Mitologie intorno all'Illuminismo*. Milão: Edizioni di Comunità, 1972. Cf. a carta de Scholem a Jesi de 1º de abril de 1973, agora em *Scienza & Politica*, xxv, nº 48, p. 108, 2013.

12. Georges Dumézil. *La religione romana arcaica. Miti, leggende, realtà della vita religiosa romana*. Edição aos cuidados de Furio Jesi. Milão: Rizzoli, 2001. Dumézil escreverá a introdução ao livro de Jesi *La vera terra. Antologia di storici e altri prosatori greci sul mito e la storia*. Turim: Paravia, 1974. “Nosso século” – dirá em 1986 em uma entrevista italiana – “é o século dos cultos. Discuti isso com meus amigos Eliade e Jünger, e com Furio Jesi. O senhor o conheceu? Um homem inteligentíssimo [...] Uma pena que tenha morrido tão cedo. Talvez porque duvidava. Eu, ao contrário, fiz um pacto com os deuses [...]” (“O iniciado que fala com os deuses”, entrevista com Georges Dumézil por Marcello Staglieno. In: *Il Giornale*, p. 3, 17 jul. 1986.)

traduz *Masse und Macht*, de Elias Canetti,¹³ e começa uma grande empreitada de tradução e comentário de *Mutterrecht*, de Johann Jakob Bachofen.¹⁴ Do mesmo período ou de alguns meses seguintes são diversos ensaios muito importantes, dentre outros, sobre Rimbaud,¹⁵ sobre Heidegger e Rilke,¹⁶ sobre Wittgenstein¹⁷ e sobre as mitologias do antissemitismo.¹⁸

Alguns anos antes também havia começado um romance, *L'ultima notte*, que será publicado depois de sua morte.¹⁹

13. Elias Canetti. *Massa e potere*. Tradução de Furio Jesi. Milão: Adelphi, 1981. [*Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995]

14. Cf. Furio Jesi. *Bachofen*. Edição aos cuidados de Andrea Cavalletti. Turim: Bollati Boringhieri, 2005; e Johann Jakob Bachofen. *Il matriarcato. Ricerca sulla ginecocrazia nel mondo antico nei suoi aspetti religiosi e giuridici*. Edição aos cuidados de Giulio Schiavoni, com tradução parcial e introdução de Furio Jesi. Turim: Einaudi, 1988.

15. Furio Jesi. “Lettura del Bateau ivre di Rimbaud”. In: *Il tempo della festa*. Edição aos cuidados de Andrea Cavalletti. Roma: Nottetempo, 2013. (Há uma tradução para o português desse texto publicada em: *Outra travessia. Revista de Literatura*. nº 19. Florianópolis, UFSC, pp. 61-76, 2015. Tradução: Fernando Scheibe e Vinícius Nicastro Honesko.)

16. Furio Jesi. “Heidegger et Rilke: Zwiesprache et Andenken”. In: *Esoterismo e linguaggio mitológico. Studi su Rainer Maria Rilke*. Macerata: Quodlibet, 2002, pp. 167-179.

17. Furio Jesi. “Wittgenstein nei giardini di Kensington”. In: *Materiali mitologici*. Op. cit., pp. 158-173.

18. Furio Jesi. *L'accusa del sangue. La macchina mitologica antisemita*. Turim: Bollati Boringhieri, 2007.

19. Furio Jesi. *L'ultima notte*. Genova: Marietti, 1987.

É uma história fantástica de vampiros que aqui são vítimas dos homens. Lê-se no romance: “A miséria a avidez, a dissolução, o fanatismo mesclado com orgulho e baixeza, formavam o caráter dos perseguidores... e por fanatismo compreendo o espírito de intolerância e de perseguição, de ódio e de vingança, em prol da causa de uma espécie que se crê eleita”.²⁰ Sem dúvida, é difícil não reconhecer nos vampiros perseguidos aqueles que foram acusados pelos tribunais da Inquisição de nutrir-se de sangue cristão. No entanto, as páginas de *L'ultima notte* dialogam não só com as de *L'accusa del sangue*: “Talvez não seja por acaso que junto com *Spartakus* tenha terminado também o romance de vampiros”, escreve Jesi naquela noite de dezembro de 1969. Não é um acaso, porque *L'ultima notte* é sobretudo o romance sobre uma insurreição, da batalha que os vampiros têm contra seus cruéis opressores numa Turim surreal e, entretanto, reconhecível, feita de sombras em fuga, de pedradas e breves enfrentamentos corpo a corpo, rumores surdos e cadenciados ou imprevisíveis, luminárias quebradas e pontes derrubadas. “Os vampiros não portavam armas, estas não eram necessárias: sua força selvagem superava a do homem mais forte.” E enquanto as investidas dos insurgentes faziam fugir os homens, “a cidade revelava seu ser, agora, na noite da grande batalha”.²¹

20. Idem, p. 10.

21. Idem, pp. 66 e 68.